

O ESTRUTURALISMO E A OPÇÃO TECNOCRÁTICA

Antonio Carlos Mazzeo (*)

I – ADVERTÊNCIA

Este trabalho tem por objetivo divulgar as críticas ao pensamento estruturalista que vêm sendo feitas sistematicamente pelos teóricos que percebem no estruturalismo a proposta tecnocrática do pensamento contemporâneo.

Nosso trabalho assume um compromisso de levar aos pesquisadores as ciências sociais, o pensamento estruturalista despido dos rebuscamentos e das sofisticações peculiares aos adeptos das estruturas, como forma de visão de mundo.

Dentre as críticas mais fecundas feitas ao estruturalismo no Brasil, encontramos em Carlos Néelson Coutinho uma proposta desmistificadora dessa corrente teórica, a partir de uma visão ontológica, histórica e dialética, dentro dos rumos metodológicos de Georg Lukás definidos no livro **A Destruição da Razão**.

Em seu livro **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**, Carlos Néelson Coutinho, analisa em profundidade o método estruturalista nas concepções de Lévi-Strauss, Michel Foucault, Roland Barthes e L. Althusser. A proposta fundamental de Coutinho é a de mostrar que o estruturalismo cumpre

(*) Antonio Carlos Mazzeo, Bacharel em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Atualmente, cursando mestrado em Política – “O Estruturalismo e a opção Tecnocrática – São Paulo.

o papel histórico de embasar teoricamente as técnicas manipulatórias do capitalismo irracionalista moderno.

O presente artigo propõe-se a uma retomada do trabalho crítico de Carlos Néelson Coutinho numa perspectiva mais de divulgação do que inovadora, como afirmamos anteriormente.

II – INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento do capitalismo e de sua nova etapa imperialista, a partir da segunda metade do século XIX, surgem várias teorias (sociais, políticas, econômicas etc.) com o objetivo de justificá-lo, numa tentativa de solucionar sua fundamental contradição: a luta entre o capital e o trabalho.

No seio do imperialismo, as novas teorias pragmáticas que buscavam dar a necessária fundamentação teórica e ideológica à nova etapa do capitalismo, celeiro da tecnocracia irracionalista, começam a tomar corpo. Essa avalanche teórica visava a dar, obviamente, combate ao materialismo dialético e a sua proposta de ruptura radical com o modo de produção capitalista.

Os apologistas do irracionalismo burguês fizeram da luta contra o materialismo sua ponta de lança, sua razão de ser. Segundo Vladimir Ilitch, “todo aquele que, por pouco que seja, esteja familiarizado com a literatura filosófica, deve saber que dificilmente se encontrará, ainda que seja um professor de filosofia (ou de teologia) que não se dedique, de maneira direta ou indireta, a refutar o materialismo” (1).

Na realidade, esse confronto aparentemente teórico reflete a verdadeira batalha que se trava entre a necessidade do avanço histórico e a reação a ele. Em outras palavras, esse impasse não é mais que o reflexo da luta de classes, representante maior das contradições do capitalismo.

A burguesia, como classe detentora dos meios de produção, cumpre seu papel de reagir a qualquer mudança que lhe seja desfavorável, tanto no plano econômico-político-ideológico, como no campo das ciências. Assim sendo, para justificar o irracionalismo burguês e suas propostas de retrocedimento histórico, no que se refere ao avanço das forças produtivas e das relações sociais, as teorias pseudocientíficas inundam hoje as ciências humanas,

(1) Vladimir ILITCH, **Materialismo y Empirocriticismo**, Ediciones Estudios, Buenos Aires, 1973, pág. 23.

transparecendo a visão de mundo mutiladora da realidade concreta e eliminadora da ontologia do ser, visando a pragmatizar o conhecimento (transformando problemas em soluções); fetichizá-lo, com o objetivo, consciente ou não, de manter acesa a chama da reação irracionalista ao desenvolvimento dialético da sociedade humana; "... a opção entre a Ratio e a Irratio não é nunca um problema filosófico "imaneante". Na opção de um pensador entre o novo e o velho, não decidem, em primeiro plano, as considerações filosóficas ou mentais, senão a situação de classe e a vinculação a uma classe" (2).

No auge imperialista e de suas técnicas manipulatórias do real, surge a expressão máxima do pensamento tecnocrático, o Estruturalismo, definido por Carlos Néelson Coutinho como uma "... ideologia que generaliza na teoria aquilo que as novas formas do capitalismo tentam generalizar na prática: a completa subordinação do todo social à manipulação tecnológica" (3).

III – A PERSPECTIVA ESTRUTURALISTA

O estruturalismo é, hoje, uma das correntes de visão de mundo mais importantes no movimento cultural moderno. Com sua pretensão de superar o subjetivismo existencialista e o "historicismo abstrato" marxista, empolgou os estudiosos das ciências humanas contemporâneos, infiltrando-se até nos meios intelectuais ditos marxistas. Porém, neste trabalho, limitar-nos-emos especificamente a analisar, em traços gerais, alguns aspectos da visão estrutural de mundo de Claude Lévi-Strauss.

Lévi-Strauss vê a realidade social através de modelos, os quais fundamentam a noção de estrutura social. "O princípio fundamental é que a noção de estrutura social não se refere à realidade empírica, mas aos modelos constituídos em conformidade (o grifo é nosso) com esta." (4) A matéria-prima utilizada na construção dos modelos são as relações sociais, "... que tornam manifesta a própria estrutura social. (5) Isto significa que, para Lévi-Strauss, a essência de sua análise estruturalista da realidade social são os modelos constituídos em conformidade com a realidade empírica e não a própria realidade social.

(2) Georg LUKÁCS, *El Asalto a La Razón*, Ed. Grijalbo, Barcelona, 1972, págs. 79 – 80.

(3) Carlos Néelson COUTINHO, *O Estruturalismo e Miséria da Razão*, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1972, pág. 62.

(4) Claude LÉVI-STRAUSS, *Antropologia Estrutural*, Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1970, pág. 301.

(5) *id.*, *ibid.*, pág. 301.

Os modelos estruturalistas de Lévi-Strauss são o "... objeto próprio das análises estruturais." (6)

Vejamos quais os elementos essenciais para a construção dos modelos:

"Em primeiro lugar, uma estrutura oferece caráter de sistema. Ela consiste em elementos tais que qualquer modificação de um deles acarreta modificação de todos os outros.

Em segundo lugar, todo modelo pertence a um grupo de transformações, cada uma das quais corresponde a um modelo da mesma família, de modo que o conjunto destas transformações constitui um grupo de modelos.

Em terceiro lugar, as propriedades já indicadas permitem prever de que modo reagirá o modelo, em caso de modificação de um de seus elementos.

Enfim, o modelo deve ser construído de tal modo que seu funcionamento possa explicar todos os fatos observados." (7)

Quanto ao "funcionamento" dos modelos, Lévi-Strauss distingue a observação dos fatos e a experimentação dos métodos por meio dos próprios modelos. Por "experimentação nos modelos entendo o conjunto dos processos que permitem saber como um modelo dado reage às modificações, ou comparar entre si os modelos do mesmo tipo ou de tipos diferentes." (8)

No que se refere à observação, Lévi-Strauss enfatiza a necessidade de uma observação "despida" de "preconceitos" teóricos que, por ventura, possam influir na natureza e importância dos fatos; "... os fatos devem ser estudados em si mesmos (...) e também em relação com o conjunto (quer dizer que toda mudança observada num ponto será relacionada às circunstâncias globais de sua aparição)". (9)

Neste ponto, pensamos que com esses elementos conceituais podemos iniciar a crítica aos pressupostos metodológicos de Claude Lévi-Strauss. Na medida em que avançarmos na temática, traremos mais elementos para fundamentar a discussão.

Ao propor um estudo da realidade social através dos modelos constituídos em "conformidade" com a realidade empírica, Lévi-Strauss inicia sua análise dos fatos sociais longe da objetividade racional, em dois níveis: em

(6) *id.*, *ibid.*, pág. 301.

(7) *id.*, *ibid.*, pág. 302.

(8) *id.*, *ibid.*, pág. 302.

(9) *id.*, *ibid.*, pág. 302.

primeiro lugar, o fato empírico por si só é resultante de um processo histórico e não sua origem; em segundo lugar, os modelos fabricados para “adequar” a realidade não permitem, objetivamente, uma visão da totalidade do real. Isto porque, com esses pressupostos, Lévi-Strauss determina o real através de sua consciência, quer dizer, a partir do intelecto formal, romântica e idealisticamente. O fato de se constituírem em modelos para a observação da realidade, leva a uma limitação do conhecimento real da totalidade concreta, não permitindo a necessária visão ontológica do objeto da observação, desistoricizando a realidade e negando suas múltiplas determinações. Assumir um pressuposto de visão do real através de modelos, determina uma visão do objeto observado numa perspectiva da consciência isolada, isto é, o observador passa a estudar a realidade a partir de sua consciência individual e não da própria realidade concreta. Dessa forma, para analisarmos a realidade social, devemos sempre recorrer às determinações concretas e objetivas que a ocasionaram, ou seja, às relações dos homens entre si na provisão da vida material. “Na produção social de sua vida, os homens entram em determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a determinada fase do desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e a que correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência do homem que determina seu ser, mas, pelo contrário, é seu ser social que determina sua consciência”. (10)

Qualquer tentativa de análise de finalidade (teleológica) do real, deixando de lado esse pressuposto dialético, será subjetiva, intuitiva e, portanto, irracionalista. Os “constructos” de Lévi-Strauss, por serem montados pela consciência do observador, assumem estas características.

A mobilidade “inerente” aos modelos estruturalistas não demonstra que haja, nos modelos, a captação de uma real dinâmica do ponto de vista materialista dialético. A dinâmica estruturalista se dá de maneira aparente e formal, já que é determinada pelos modelos e não pela realidade existente independentemente deles (modelos), limitando-se a uma manipulação interna dos “constructos”. Assim, o objeto da análise estruturalista fica reduzido à manifestação dos fenômenos, na medida em que atua somente na superfície

(10) Karl MARX, *Contribución a La Crítica de La Economía Política*, Ed. Estudio, Buenos Aires, 1970, págs. 9 – 10 (prefácio).

deles, relegando a essência a planos secundários. Dessa forma, os modelos estruturalistas provocam uma falsa consciência do real, como se esse fosse um jogo de quebra-cabeças. Citando Von Neumann, Lévi-Strauss, tentando explicitar o funcionamento de seus modelos, incorpora a definição do referido autor, para fundamentar sua posição. Neumann afirma: “Modelos (tais como os jogos) – o grifo é nosso – são construções teóricas que supõem uma definição precisa e não demasiado complicada: devem ser também parecidas com a realidade – o grifo é nosso – sob todas as relações que importam a pesquisa em curso. (...) a semelhança com a realidade é requerida para que o funcionamento do modelo seja significativo”. (11)

Dessa forma, o real fica condicionado à consciência de Lévi-Strauss que ignora a realidade concreta. Ora, sabemos que tudo aquilo que é, somente pode ser idêntico a si próprio, já que a identidade do ser pertence a ele mesmo. Marx, no posfácio do *Capital* de 24 de janeiro de 1873 afirma: “Para mim, o ideal não é (...) mais que o material traduzido e transposto à cabeça do homem.” (12) Em Lévi-Strauss acontece justamente o inverso. Portanto, um modelo constituído à semelhança da realidade, não é a própria realidade. Dizendo de outra forma, o modelo estruturalista, que se constitui à semelhança do real, passa a analisar a si mesmo, deixando de lado o verdadeiro objeto de estudo: a realidade concreta.

A análise dos fatos sociais deve partir de uma compreensão histórica de seu processo, quer dizer, das relações dos homens entre si, e essa relação somente pode ser determinada pela produção da vida material, efetuada através do trabalho humano. A reconstrução de um processo histórico deve ser tomado numa perspectiva ontológica. A observação empírica não esgota a realidade, pois se isso bastasse, a ciência perderia seu objetivo e poderia ser extinta. Lévi-Strauss, ao propor que o cientista observe os fenômenos sociais despidos de qualquer preconceito teórico, busca dar às ciências sociais a “precisão analítica” das ciências naturais, esquecendo-se das contradições dialéticas da sociedade. Sabemos que nas ciências naturais “... há um acordo real e implícito entre todas as classes que constituem a sociedade atual a respeito do valor, da natureza e do fim da pesquisa. O conhecimento mais adequado e mais eficaz da realidade física e química é um ideal que hoje não choca nem os interesses nem os valores de qualquer classe social. Neste caso, a falta de objetividade no trabalho de um cientista só pode ser causada por defeitos

(11) Von NEUMANN, cit. em *Antropologia Estrutural*, pág. 302.

(12) Karl MARX, *El Capital*, Fondo de Cultura Economica, México, 1973, Posfácio a la segunda edición, pág. XXIII.

personais (espírito de sistema, falta de penetração, caráter apaixonado, vaidade, e no limite, falta de probidade intelectual).” (13)

Poderíamos estender este raciocínio para as ciências sociais ?

Se partirmos do pressuposto que o determinante real da sociedade humana está nas relações de produção e se sabemos que essas relações de produção constituem a infra-estrutura social, temos de levar em conta os seguintes aspectos: historicamente o capitalismo propiciou o desenvolvimento pleno das forças produtivas até um ponto em que esse desenvolvimento se torna o germe das travas desse mesmo processo, isto é, a luta entre interesses antagônicos das classes que constituem a base do modo de produção capitalista se torna cada vez mais transparente. Seria absurdo pensarmos que um cientista social estaria isento das influências ideológicas das classes. Isso só seria possível se importássemos um estudioso dos fenômenos sociais de outro planeta. A questão está na opção do cientista entre ter ou não a consciência do momento histórico em que vive, e nesta consciência pressupõe a vinculação do estudioso aos interesses de classe. Se temos claro que, no momento atual, a burguesia se tornou a grande impedidora do avanço histórico das forças produtivas, cumprindo seu papel histórico, concluímos que a questão do juízo de valor na análise social não só é real, como necessária. Pois a consciência, que é valorativa, possibilita a realização da crítica dos pressupostos burgueses. (A consciência de classe da burguesia é limitada, como o próprio capital, já que o avanço do capital significa a destruição dele).

Portanto, a proposta de Lévi-Strauss perde-se nos fundamentos tecnocratas de eliminar da análise social o mais importante: a consciência total da realidade. Na verdade, Lévi-Strauss retrocede ao nível do conhecimento até ao positivismo Comtiano. Émile Durkheim, grande expressão do positivismo, em seu conhecido livro **As Regras do Método Sociológico**, propõe que os fatos sociais sejam enfocados de fora, como coisas. Afirma que “é preciso afastar sistematicamente todas as prenoções (...) Este corolário é, demais, a base de todo método científico.” (14) Lévi-Strauss assume o pressuposto fundamental do irracionalismo positivista, quando diz: “No nível da observação, a regra principal — poder-se-ia mesmo dizer a única — é que todos os fatos devem ser exatamente observados e descritos, sem permitir que os preconceitos alterem sua natureza e importância.” (15) Vemos que, essencialmente, não existe diferença

(13) Lucien GOLDMANN, **Ciências Humanas e Filosofia**, Difel, São Paulo, 1970, pág. 31.

(14) Émile DURKHEIM, **As Regras do Método Sociológico**, Cia. Ed. Brasileira, São Paulo, 1937, pág. 188.

(15) cf. **Antropologia Estrutural**, pág. 303.

entre os pressupostos funcionalistas de Durkeim e os estruturalistas de Lévi-Strauss, no que se refere às diretrizes básicas do método de análise do real.

No que diz respeito à história, Lévi-Strauss, quebrando a unidade das ciências sociais e refletindo a posição tecnocrática do desmembramento da práxis humana, classifica-a juntamente com a Etnografia, como “simples” ciências auxiliares da análise social, que é efetuada, segundo ele, através da sociologia e da etnologia: ‘A etnografia e a história diferem, antes de tudo, da etnologia e da sociologia, visto que as duas primeiras estão fundadas na coleta e na organização de documentos, enquanto as duas outras estudam, antes, os modelos construídos a partir e por meio destes documentos’ (16). A negação positivista da história como ciência que possibilita analisar um fenômeno em sua gênese (ontologicamente, portanto), feita por Lévi-Strauss, caracteriza-se como a negação da própria interferência do homem na construção da sociedade e no aprimoramento da humanidade no decorrer de sua existência. A idéia de processo de ruptura e continuidade na história, não aparece em Lévi-Strauss, já que ele a vê como algo linear. “Em resumo, Lévi-Strauss se recusa a unir indissolivelmente homem e história...” (17)

Analisando o pensamento tecnocrata, Hensi Lefebvre encontra no estruturalismo sua expressão teórica: “Reunindo em uma síntese, ou melhor, num sincretismo as teses funcionalistas e operacionalista, a nova filosofia da estrutura se propõe (...) como concepção de mundo dos tecnocratas (...). A tecnocracia, hoje, tem necessidade de uma ideologia que justifique e permita a integração à sociedade que ela quer construir. Agora, a mundialização da técnica e da concepção tecnocrática pressupõe uma redução e ainda uma liquidação do histórico (considerado como peso morto, resíduo, mais incômodo que pitoresco)”. (18)

Dessa maneira, a razão analítico-histórica é reduzida ao intelecto formal. A formalização extremada que encontramos nas análises de Lévi-Strauss não é mais que o reflexo do positivismo e do tecnocratismo, componentes e “pedra filosofal” do capitalismo irracionalista moderno.

Quanto à essência dos fatos sociais, Lévi-Strauss enfatiza os fenômenos inconscientes e reduz os fatos conscientes a simples fenômenos secundários. Assim, os modelos levistraussianos partem do inconsciente para

(16) *id.*, *ibid.*, pág. 309.

(17) José Artur GIANOTTI, cit. por Carlos Néilson COUTINHO, **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**, pág. 116.

(18) Henri LEFEBVRE, **Mas Alla Del Estructuralismo**, Ed. La Pleiade, Buenos Aires, 1973, págs. 110 – 111.

chegar a uma análise “racional” dos fatos: “É a Boas que cabe o mérito de ter, com uma lucidez admirável, definido a natureza inconsciente dos fenômenos culturais em páginas onde, assimilando-se deste ponto de vista à linguagem, ele antecipava acerca do desenvolvimento ulterior do pensamento lingüístico, e sobre um porvir etnológico, cujas promessas começamos apenas a entrever.” (19) Mais adiante Lévi-Strauss afirma: “Com efeito, os modelos conscientes — que se chamam comumente “normais” — incluem-se entre os mais pobres que existem, em razão da sua função, que é de perpetuar as crenças e os usos, mais do que expor-lhes as causas. Assim, a análise estrutural choca-se com uma situação paradoxal, bem conhecida pelo lingüista: Quanto mais nítida é a estrutura aparente, mais difícil torna-se apreender a estrutura profunda, por causa dos modelos conscientes e deformados que se interpõem como obstáculos entre o observador e seu objeto”.(20)

Como havíamos afirmado anteriormente, Lévi-Strauss nega a consciência como forma de compreender a realidade concreta. Ele a determina como “falsa consciência”, generalizando todas as formas de consciência, mesmo que se chegue a ela através da práxis humana. A razão é posta de lado, prevalecendo a intuição irracionalista. Lévi-Strauss, não percebe que “o inconsciente (...) é sempre uma falsa consciência, uma ausência de consciência verdadeira, jamais uma entidade objetiva, uma positividade em si, como supõe (...) Entre a inconsciência e a consciência há um processo dialético, uma permanente passagem, não uma barreira intransponível.” (21)

O pensamento estruturalista de Claude Lévi-Strauss em sua essência, nada apresenta de “novo”. Parte do positivismo Comtiano, disfarçando-o com eclétismos rebuscados. Seu método é fruto de soluções para harmonizar o incompatível: a necessidade do avanço histórico e a continuação do modo de produção capitalista. “O positivismo dos estruturalistas converte-se — voluntária ou involuntariamente — em apologia do neocapitalismo”. (22) Lévi-Strauss (e seu estruturalismo), aparece hoje como o mais sofisticado teórico da tecnocracia capitalista, que subordina às regras formais e subjetivas a ação humana.

(19) cf. **Antropologia Estrutural**, págs. 36 – 37.

(20) *id.*, *ibid.*, pág. 304.

(21) Carlos Néilson COUTINHO, **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**, pág. 89.

(22) *id.*, *ibid.*, pág. 61.